


■ RELATOS DE EXPERIÊNCIA

■ Perspectivas de docência e discência numa disciplina de relações étnico-raciais: relatos de experiência no âmbito do curso de Bacharelado em Engenharia de Produção do IFG – Senador Canedo

 Thiago Cazarim*
Suellem Cândida Reis**
Raianny Silva Santos***

Resumo: No presente texto, apresentamos relatos dos autores que são, respectivamente, docente e discentes do curso de Bacharelado em Engenharia de Produção do Instituto Federal de Goiás, campus Senador Canedo. Os relatos versam sobre experiências docentes e discentes no planejamento, oferta, docência e discência da disciplina Relações étnico-raciais, disciplina obrigatória da matriz curricular do curso em questão. Após uma breve introdução, é apresentado um relato do docente da disciplina sobre o processo de planejamento pedagógico da mesma para sua oferta durante o ano letivo de 2020, sobretudo quanto à adequação da disciplina à luz das demandas formativas dos futuros engenheiros de produção, bem como do cenário de pandemia de Covid-19 e de ensino remoto emergencial adotado pelo Instituto Federal de Goiás. Em seguida, são apresentados relatos de duas discentes do curso acerca de seus históricos em relação ao debate das relações étnico-raciais e suas perspectivas enquanto discentes da disciplina no âmbito da graduação. A última seção do texto aponta balanços sobre uma futura oferta da disciplina no âmbito do curso de Engenharia de Produção do IFG – Senador Canedo, a ocorrer no ano de 2021, tomando como base os pontos positivos e negativos das experiências relatadas. Espera-se com isso fomentar a implementação da área de Relações étnico-raciais em cursos de engenharia a partir de indicações de temáticas e abordagens mais adequadas às realidades formativas dos futuros engenheiros.

Palavras-chave: relações étnico-raciais. Engenharia de Produção. Educação superior. IFG.

* Bacharel em Música, mestre em Filosofia, doutor em Performances Culturais. É docente do IFG – Senador Canedo. Contato: cazarim.t@gmail.com

** Graduanda em Engenharia de Produção, IFG – Senador Canedo. Contato: reis.suellem@ifg.edu.br

*** Graduanda em Engenharia de Produção, IFG – Senador Canedo. Contato: raiannysilva37@gmail.com

Introdução

A história da presença de estudantes negros em instituições de educação profissional e tecnológica se confunde com o próprio histórico destas instituições. Silva e Araújo (2005) relatam que, após séculos de interdição aos sistemas educacionais instalados em território brasileiro, a população negra, passa a ter, no final do século XIX, as primeiras oportunidades de ingresso no sistema educacional. No caso paulista, objeto de estudo dos autores citados, deve-se destacar o Decreto 7.566 do Presidente Nilo Peçanha – que hoje nomeia a plataforma que reúne dados sobre todos os Institutos e Escolas Técnicas Federais – que versava sobre a educação dos filhos de trabalhadores para a formação de mão-de-obra. A essa iniciativa, outras seguiram-se, embora, como é possível inferir a partir dos apontamentos de Silva e Valentim (2018) sobre a baixa presença de estudantes negros nos cursos de engenharia, as políticas de inserção da população negra na educação profissional e tecnológica não veio acompanhada necessariamente de uma inclusão efetiva desta mesma população, seja no mercado de trabalho em seus estratos superiores de renda e ocupação, seja no âmbito educacional.

Nesse contexto, o estudo das relações étnico-raciais em instituições de educação profissional e tecnológica, tanto em cursos de nível médio quanto em cursos de nível superior, mostra-se necessário para: a) situar a própria missão formativa destas instituições diante do mundo do trabalho; b) promover, em todos os âmbitos de atuação institucional, a igualdade étnico-racial; c) conscientizar e engajar coletivamente a comunidade acadêmica na mudança de pensamentos e atitudes que contrariem o princípio da igualdade étnico-racial, seja esta de cunho formal, material ou de resultados; d) no âmbito específico do Instituto Federal de Goiás, consolidar a existência da Comissão Permanente de Promoção da Igualdade Racial (CPPIR).

Diante do exposto, apresentamos relatos decorrentes de nossas experiências na qualidade de docente e discentes da disciplina de Relações Étnico-Raciais do curso de Bacharelado em Engenharia de Produção do Instituto Federal de Goiás, campus Senador Canedo. Estes relatos versam sobre o planejamento, oferta, docência e discência da disciplina Relações étnico-raciais, disciplina obrigatória da matriz curricular do curso em questão. A disciplina foi ofertada no primeiro semestre letivo de 2020 em formato remoto.

O texto está dividido da seguinte maneira. Após esta introdução, apresentamos um relato inicial do docente da disciplina sobre o processo de planejamento

pedagógico da mesma, sobretudo quanto à adequação da disciplina à luz das demandas formativas dos futuros engenheiros de produção, bem como do cenário de pandemia de Covid-19 e de ensino remoto emergencial adotado pelo Instituto Federal de Goiás. Em seguida, cada uma das discentes discorre sobre seus respectivos históricos em relação ao debate das relações étnico-raciais e suas perspectivas enquanto discentes da disciplina no âmbito da graduação. A última seção do texto aponta balanços sobre uma futura oferta da disciplina no âmbito do curso de Engenharia de Produção do IFG – Senador Canedo para o ano letivo de 2021, tomando como base os pontos positivos e negativos das experiências relatadas.

Esperamos, assim, fomentar a implementação da área de Relações étnico-raciais em cursos de engenharia a partir de indicações de temáticas e abordagens mais adequadas às realidades formativas dos futuros engenheiros. Além disso, esperamos recuperar criticamente a presença da população negra nas instituições de educação profissional e tecnológica, de modo a provocar tais instituições a promoverem efetivamente a igualdade étnico-racial nos âmbitos formal, material e de resultados.

1. Relatos de docência

Quem sou?

Autor 1, branco, 34 anos, bacharel em Música, mestre em Filosofia e doutor em Performances Culturais. Possui pesquisas sobre hip-hop e sobre as interfaces entre Música e Humanidades. Em decorrência de minhas pesquisas sobre cultura hip-hop, e também no sentido de atender a normativas federais (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2004a; 2004b; 2007), tenho me dedicado regularmente a abordar a problemática das relações étnico-raciais em minha área de formação de base (música). Esta atuação levou-me a assumir a disciplina Relações étnico-raciais no período letivo 2020/1 no âmbito do curso de Bacharelado em Engenharia de Produção do IFG – Senador Canedo.

O IFG – Senador Canedo e a disciplina Relações étnico-raciais do curso de Engenharia de Produção

O campus Senador Canedo pertence à última fase de expansão do Instituto Federal de Goiás, iniciando suas atividades no segundo semestre de 2014. Tendo como eixos tecnológicos Indústria e Meio Ambiente, este campus conta atualmente com três cursos técnicos integrados, dois cursos superiores (uma licenciatura e um

bacharelado) e um curso de especialização (ofertado nas modalidades presencial e à distância). O curso de Bacharelado em Engenharia de Produção se insere no contexto de verticalização do eixo tecnológico Indústria, dialogando com os arranjos produtivos do município de Senador Canedo e com a oferta formativa do próprio campus em nível médio (técnico). É importante destacar que o Bacharelado em Engenharia de Produção possui ênfase em bioprocessos, dialogando assim também com o eixo de Meio Ambiente, ainda não implantado no campus.

Dentre os objetivos específicos do curso em questão, encontram-se:

- Desenvolver, além do aspecto técnico-científico, a capacidade de trabalho do futuro profissional, aperfeiçoando habilidades de relação intrapessoal e sua comunicação oral e escrita; [...]
- Intensificar a formação humanística do futuro profissional;
- Buscar atuação na comunidade externa, nas diferentes áreas do conhecimento, contribuindo para efetivar a cidadania;
- Incentivar o pleno conhecimento dos anseios e necessidades locais, mostrando as deficiências e estimulando a proposição de soluções concretas para os problemas sociais, tornando o futuro profissional um agente transformador (BRASIL, 2018, p. 17)

Consoante aos objetivos específicos do curso anteriormente destacados, a matriz curricular do mesmo traz, enquanto componentes obrigatórios, as disciplinas de Cidadania e Direitos Humanos (2º período), Relações étnico-raciais (3º período) e Sociologia do trabalho (4º período). É no contexto de contribuir para a formação cidadã dos futuros engenheiros, então, que o planejamento da disciplina Relações étnico-raciais, com carga horária semestral de 27h, foi idealizado.

Como primeira atividade de planejamento, foi realizada, em dezembro de 2019, uma discussão prévia do docente da disciplina com os estudantes do curso. Esta conversa visava uma apresentação profissional do docente e de mediar as expectativas discentes e docente em torno da oferta da disciplina. Tendo apresentado ideias iniciais sobre conteúdos que poderiam ser ministrados, o docente acolheu também sugestões e anseios dos estudantes acerca do tema da disciplina de modo a incorporar o maior número possível de discussões relevantes para o contexto da oferta da disciplina.

De saída, o docente detectou um problema que demandaria planejamento cuidadoso, a saber, a adequação da ementa, dos objetivos e da bibliografia da disciplina à realidade do curso. Isso se deu porque, da

forma como consta no Projeto Político-Pedagógico de Curso, a ementa da disciplina pareceu ser muito mais adequada à realidade de um curso de licenciatura do que de bacharelado em engenharia. Vejamos a redação original da ementa:

Ementa:

Tratar os conceitos de etnia, raça, racialização, identidade, diversidade, diferença. Compreender os grupos étnicos “minoritários” e processos de colonização e pós colonização. Políticas afirmativas para populações étnicas e políticas afirmativas específicas em educação. Populações étnicas e diáspora. Racismo, discriminação e perspectiva didático[-]pedagógica de educação antirracista. Currículo e política curriculares. História e cultura étnica na escola e itinerários pedagógicos. Etnia/Raça e a indissociabilidade de outras categorias da diferença. Cultura e hibridismo culturais. As etnociências na sala de aula. Movimentos Sociais e educação não formal. Pesquisas em educação no campo da educação e relações étnico-raciais. (BRASIL, 2018, p. 98, itálicos dos autores)

Como se vê, alguns tópicos da ementa acima seriam muito mais adequados a uma disciplina de Educação para as relações étnico-raciais do que a discussão étnico-racial no contexto de um curso de engenharia, tais como: perspectiva didático-pedagógica de educação antirracista, currículo e política[s] curriculares, história e cultura étnica na escola e itinerários pedagógicas, etnociências na sala de aulas, movimentos sociais e educação não formal, pesquisa em educação no campo da educação e relações étnico-raciais. Tais tópico cumprem perfeitamente a função de preparo para atividades profissionais que podem ter como tópico a educação, sobretudo formal, para as relações étnico-raciais. No caso de engenheiros, embora devamos considerar que os processos de educação informal e, eventualmente, não-formal também ocorram no ambiente de trabalho, a função da disciplina Relações étnico-raciais não é a de formar profissionais da educação, mas antes profissionais da engenharia capacitados para enfrentar no cotidiano as questões decorrentes da diversidade e das desigualdades de cunho étnico-racial.

Nesse sentido, o segundo passo do planejamento da disciplina foi a adequação de sua ementa, seus objetivos e referências bibliográficas. Tal adequação, por sua vez, partiu do seguinte questionamento: qual o sentido da disciplina Relações étnico-raciais no contexto formativo de um bacharelado em engenharia? Esta questão, por sua vez, conduziu a uma segunda, igualmente importante: quais os conteúdos mais pertinentes do debate das relações étnico-raciais no contexto formativo concreto

do curso de Engenharia de Produção do IFG – Senador Canedo?

A resposta a ambas as questões me pareceu ser partir do exercício profissional dos engenheiros e pensar abordagens e conteúdos que dialogassem com tal realidade. Assim, além dos conteúdos teóricos basilares ao estudo das relações étnico-raciais, a disciplina ofertada orientou-se pelo diálogo com o mundo do trabalho e as interfaces entre raça, ciência e tecnologia. Assim, a reformulação da ementa e dos objetivos da disciplina resultou na seguinte proposta:

Ementa:

Introduzir os bacharelados em Engenharia de Produção no estudo das relações étnico-raciais, de modo a propiciar reflexões sobre os efeitos do racismo e do etnocentrismo tanto no contexto da atuação profissional dos engenheiros de produção quanto em dinâmicas locais, regionais, nacionais, transnacionais e globais.

Objetivos:

Objetivo geral: propiciar aos estudantes a articulação entre conhecimentos introdutórios ao estudo das relações étnico-raciais e a possibilidade da aplicação destes às suas práticas profissionais.

Objetivos específicos:

a) Introduzir os conceitos e teorias estruturantes do estudo das relações étnico-raciais; b) Discutir o racismo no contexto brasileiro; c) Apresentar os efeitos do racismo na empregabilidade, na concentração de renda e nas formas institucionais de discriminação racial; d) Discutir as relações entre ciências, tecnologias e racismo; e) Propiciar aos estudantes o exercício reflexivo sobre estratégias de enfrentamento do racismo em diálogo com a atuação profissional dos bacharéis em Engenharia de Produção.

Conteúdo programático

UNIDADE 1: INTRODUÇÃO AO ESTUDO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

- Conceitos de raça, etnia, diferença, diversidade, racismo, etnocentrismo, preconceito, discriminação, branquitude, negritude, estereótipo e identidade. Teorias raciais.
- Racismo no Brasil: branqueamento, mestiçagem, hibridismo e o mito da democracia racial.
- Políticas afirmativas para grupo étnico-raciais no Brasil.
- Racismo e discriminação na perspectiva da economia, das tecnologias atuais e das dinâmicas de produção de conhecimento.

UNIDADE 2: RAÇA, ECONOMIA E MUNDO DO TRABALHO

- Racismo estrutural e economia capitalista.
- Renda, emprego e raça (I): dados sobre desigualdade de renda e diferenças nos tipos de ocupação segundo a raça
- Renda, emprego e raça (II): interseccionalidade entre raça e

gênero no mundo do trabalho

- “Índio/malandro não gosta de trabalhar”: capitalismo, desenvolvimentismo e trabalho em perspectivas não-etnocentradas.
- Raça, educação técnica e empregabilidade
- Trabalho técnico, educação e raça: origens históricas do Institutos Federais, direito à educação e empregabilidade de pessoas negras¹
- Palestra 1: Criminalização do trabalho periférico e racismo

UNIDADE 3: RAÇA E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO

- Relações entre ciência, racismo e etnocentrismo.
- Colonialidade e conhecimento: genocídio e epistemicídio.
- Epistemologias no plural: introdução aos estudos em etnociências.
- Dinâmicas de vida tradicionais e produção de conhecimento.
- Palestra 2: Racismo algorítmico
- Palestra 3: Modos de vida e produção de saberes no povo indígena Tapuia

É importante frisar que o objetivo de vincular os conhecimentos desenvolvidos na disciplina à prática profissional dos estudantes não a torna disciplina meramente instrumental. Pelo contrário, o objetivo de pensar possibilidades de aplicação prática de conhecimentos teóricos gerais visa atender a um dos objetivos centrais do estudo das relações étnico-raciais, qual seja, “corrigir posturas, atitudes e palavras que impliquem desrespeito e discriminação” (BRASIL, 2004, p. 4).

Tendo reformulado a ementa e os objetivos da disciplina, passei à definição de conteúdos que, ao mesmo tempo que dialogassem com a realidade concreta do curso e dos estudantes, também fornecessem ferramentas conceituais mais abrangentes, necessárias ao exercício da cidadania para além do âmbito profissional. Em seguida, incorporei ao planejamento de aulas momentos com pesquisadores convidados para a diversificação das atividades formativas da disciplina. Também o método de avaliação foi objeto de reflexão docente. Considerando não apenas a carga horária das demais disciplinas e os objetivos da disciplina de Relações étnico-raciais, mas também o contexto de ensino remoto emergencial em decorrência da pandemia de Covid-19, optei por avaliar qualitativamente a participação e engajamento dos discentes nas atividades síncronas e assíncronas propostas. Ao lado disso, como produto escrito final da disciplina, sugeri que os estudantes organizassem propostas de intervenção sobre dois dos temas estudados na disciplina (Racismo algorítmico, Empregabilidade de mulheres negras), apondo soluções concretas a serem adotadas no enfrentamento do racismo.

Devido a limitações decorrentes de alterações no calendário acadêmico do IFG e da dinâmica nova de ensino remoto emergencial, alguns tópicos precisaram ser bastante resumidos ou nem mesmo puderam ser debatidos. Além disso, a bibliografia prevista para o semestre precisou ser bastante reduzida², e uma metodologia de aulas mais expositiva foi a solução para assegurar que os conteúdos essenciais da disciplina não se perdessem. Ainda assim, enquanto docente, faço um balanço positivo da experiência e considero que as reformulações operadas quanto à ementa e aos objetivos da disciplina foram ao encontro dos objetivos do curso e das expectativas dos estudantes.

Cabe ainda destacar que as atividades finais (propostas de intervenção prática em situações de racismo) evidenciaram a necessidade de desdobrar o trabalho antirracista para além da sala de aula. Como docente, entendo que uma possibilidade de seguir trabalhando o tema das relações étnico-raciais é por meio de projetos de extensão ou iniciação científica pensados para a realidade dos engenheiros de produção. Assim, o aprofundamento do docente no conhecimento do vasto campo de atuação da Engenharia de Produção se faz necessário para que pontes interdisciplinares entre sua área de atuação (Música, cultura e Humanidades) e a do curso possam ser construídas e se reflitam na produção discente.

2. Relatos discentes

DISCENTE 1 Quem sou?

Autora 2, negra, 22 anos, formada em Técnico em Eletrotécnica pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, campus Goiânia. Atualmente, curso a graduação em Bacharelado em Engenharia de Produção no IFG, campus Senador Canedo.

Meu histórico na instituição

Fui aluna do campus Goiânia no período de 2013 a 2016 e nunca tive nenhum contato prévio com o debate racial. Embora eu sempre tenha tirado boas notas e tenha tido um desempenho muito bom no Enem, não foi possível para mim entrar no ensino superior imediatamente após a finalização do ensino médio. Por esse motivo, fiquei 2 anos afastada da vida acadêmica e consegui retornar somente em 2019 quando fui aprovada pelo Enem para o IFG – Campus Senador Canedo, também a partir da lei brasileira de cotas (BRASIL, 2012).

Como foi minha experiência na instituição com o debate sobre relações étnico-raciais?

Ingressei no IFG através da política de cotas e percebi que nesta instituição a questão de cotas e a questão racial eram muito mais bem vistas que em outros lugares, embora o número de alunos e professores negros ainda fosse consideravelmente menor que o número de alunos brancos. A comunidade negra presente na instituição se manifestava de forma aberta e promovia eventos periódicos referentes à negritude. As disciplinas da área de humanas também eram muito diversificadas e não apresentavam distinção de raça.

A realidade do Campus Senador Canedo no meu ponto de vista é bem diferente do campus Goiânia, talvez por ter sido implantado recentemente. De toda forma, as questões raciais não são tão exploradas e tratadas de forma aberta como no campus Goiânia. Em Senador Canedo, percebo que o quadro de professores e os alunos da instituição ainda é composto majoritariamente por pessoas brancas. As questões de raça são comentadas apenas nas disciplinas de humanidades e raramente acontecem eventos relativos à negritude. Para mim, isto leva a uma falta de representatividade acadêmica e institucional quanto às questões raciais.

Qual a importância da disciplina de Relações étnico-raciais na minha formação?

As instituições de ensino têm um papel fundamental na formação do ser humano e da sociedade, por esse motivo devem representar todos as raças de forma igual. A experiência que tive com a disciplina de Relações étnico-raciais foi muito proveitosa para mim na medida que me proporcionou elaborar novos conhecimentos sobre raça e etnia que contribuíram para requalificar minhas relações interpessoais. Percebi que foi uma experiência nova para muitos alunos, porém foi capaz de aguçar o olhar de muitos a respeito das questões de raça.

Assim como vivenciamos esses debates no ambiente acadêmico, vivenciamos também no ambiente profissional e como futuros profissionais precisamos desmistificar e abrir mão dos preconceitos socialmente construídos. Por isso, a disciplina de Relações étnico-raciais é de grande importância para a formação desses futuros profissionais e tem o potencial de modificar a forma como as pessoas se veem no ambiente de trabalho e na sociedade em geral.

DISCENTE 2

Quem sou?

Autora 3, 20 anos.

Meu histórico na instituição

Estudei no IFG Campus Goiânia entre os anos 2015 a 2018 na modalidade de curso técnico integrado ao ensino médio, na área da Mineração. Atualmente estou cursando Bacharelado em Engenharia de Produção no IFG, campus Senador Canedo.

Como foi minha experiência na instituição com o debate sobre relações étnico-raciais?

O debate racial e a diversidade cultural no IFG – campus Goiânia eram abordados com frequência. Lembro-me que sempre às sextas-feiras uma roda cultural era promovida pelos alunos do curso técnico integrado em Música, ocasião em que eram apresentadas músicas de gêneros variados com teor de crítica e de entretenimento. Havia também debates e rodas de conversa promovidos pelo próprio Instituto, principalmente na Secitec (Semana de Ciência, Educação e Tecnologia), com ótimos palestrantes dentre os quais profissionais negros que falavam sobre suas trajetórias e profissões. Estes palestrantes, em sua maioria, relatavam ter passado em algum episódio racista ao longo de suas trajetórias, mas o relato abordava também a superação do racismo e não apenas sua ocorrência. Além disso, havia o Cine Psi, com filmes que traziam à tona questões sociais, raciais e de gênero, e também um tablado no pátio interno do campus Goiânia, sendo utilizado pelos alunos para se expressarem, frequentemente com frases de apoio aos alunos. Em caso de atos racistas, os estudantes também podiam recorrer ao grêmio estudantil do campus, que contava com a mobilização de alunos na forma de cartazes de combate ao racismo e outras discriminações, dentre outras formas de manifestação política. Entendo que todos esses acontecimentos eram formas cotidianas de fazer política, nos moldes pensados por Lechner (2004), que argumenta que a ação política nem sempre segue os moldes da ação política partidária organizada ou institucionalizada.

Passei pouco tempo no IFG – campus senador Canedo antes do início da pandemia. Durante o período em que estive neste campus, escutei pouco se falar sobre a temática das relações étnico-raciais, que só teve mesmo uma abordagem maior na disciplina do curso em que sou aluna.

Levando em consideração o tempo que passei nos

dois campus, entendo que o debate racial foi mais abordado no campus Goiânia do que no Campus Senador Canedo. Atribuo isso ao fato de o campus Goiânia possuir uma mobilização político-cultural mais orgânica da comunidade acadêmica em torno da diversidade, e também de possuir um maior número de agentes (grêmio estudantil, coletivos de estudantes e servidores, grupos de estudos, dentre outros) mobilizados em torno de agendas que pautavam a temática das relações étnico-raciais.

Qual a importância da disciplina de Relações étnico-raciais na minha formação?

Considero que a disciplina Relações étnico-raciais foi de extrema importância para conscientizar e abrir os horizontes de alguns alunos do curso de Engenharia de Produção, além de nos formar para sermos pessoas e profissionais melhores, que saibam dar oportunidades para todos os sujeitos de forma igual.

O debate racial é fundamental para a formação dos engenheiros de produção, pois ainda há inúmeros casos de racismo em nosso meio. Creio que a única forma de combater práticas racistas é através da conscientização e da desnaturalização do racismo – afinal, como vimos durante a disciplina, há muitas práticas racistas que ocorrem de forma disfarçada sob pretextos de assegurar o direito de opinião e a liberdade de expressão.

Considerações finais

Partindo dos relatos das discentes, notam-se diversas lacunas no debate racial no IFG – campus Senador Canedo. Comparativamente a outros campus da instituição, o diagnóstico de ambas as discentes sobre o campus Senador Canedo nos leva a pensar que este campus ainda precisa avançar no sentido de dar organicidade à temática das relações étnico-raciais. Outro ponto que merece atenção é a falta de relatos discentes sobre o papel da Comissão Permanente de Promoção da Igualdade Étnico-Racial (CPPIR), que possui atualmente representação em nível institucional e local, incluindo o campus Senador Canedo. A ausência de referência à CPPIR, portanto, torna necessário o debate de seu histórico, atribuições, composição e atuação no âmbito da disciplina Relações étnico-raciais.

Mais um ponto que a (há) que se destacar é a ausência de relatos sobre o papel das representações estudantis e das instâncias de participação e decisão do campus Senador Canedo. Uma vez que há referências positivas sobre atividades e referentes estudantis do campus Goiânia, caberia um trabalho de reflexão junto aos estudantes sobre o papel do Grêmio Estudantil e do Centro Acadêmico do

campus Senador Canedo em pautar regularmente o debate sobre relações étnico-raciais. Entendendo que esta via de atuação no enfrentamento ao racismo depende da auto-organização política discente, o que cabe ao campus promover, institucionalmente falando, é um ambiente político favorável à participação dos estudantes, bem como a promoção de ações locais sobre o tema.

Um ponto positivo percebido pelo docente durante a realização das aulas e palestras foi a intersecção entre raça e gênero. Ao abordarmos as desigualdades de renda e emprego com base em dados do IBGE, percebemos que somente um debate interseccional (AKOTIRENE, 2019) sobre raça é capaz de abordar a complexidade do tema. É importante dizer também que tal perspectiva foi solicitada explicitamente pela estudante 1 na primeira aula da disciplina, o que mostra que a realidade de mulheres negras não só é matéria que merece análise específica: ela reflete anseios e expectativas de estudantes quanto à disciplina Relações étnico-raciais. Podemos indicar, assim, que há demandas discentes por um estudo das relações étnico-raciais com efetiva representatividade política de mulheres.

Ao final deste texto, fica patente que o processo de educação antirracista é complexo, multifacetado e promovido por diversos atores e frentes de luta. Não basta apenas adequar o plano de curso à realidade profissional dos estudantes para cumprir os objetivos da educação para as relações étnico-raciais: é preciso que esta educação seja constante e enraizada no cotidiano da comunidade acadêmica. Para que ela se efetive, também não basta haver professores afins à temática ou com

formação sobre ela: é necessário comprometimento regular da comunidade acadêmica e a criação de um ambiente em que todos os atores possam e efetivamente se engajem na luta e na educação antirracistas. Esse processo de educação política, portanto, figura como processo transversal à formação tecnológica, permeando-o dentro e fora de sala de aula, em disciplinas, processos de participação, atividades de pesquisa e na relação entre comunidade acadêmica e comunidade externa.

No caso específico da disciplina Relações étnico-raciais em cursos de engenharia, nossa sugestão é que, além da aproximação de conteúdos da disciplina a eixos formativos do próprio curso, sejam oportunizadas aos estudantes a vivência de situações práticas nas quais os conhecimentos tecnológicos poderão ser utilizados para o enfrentamento ao do racismo. É o que ocorreu na avaliação final da disciplina, quando foi solicitado aos alunos que utilizassem seus conhecimentos de programação para pensar formas de corrigir o funcionamento de algoritmos racialmente enviesados. Considerando que a Engenharia de Produção é uma área vastíssima com inúmeros eixos de atuação, é possível imaginar diversas outras vivências concretas a serem oportunizadas aos estudantes. O que vale destacar é que, assim como para outras engenharias, a disciplina de Relações étnico-raciais não apenas abra os horizontes dos alunos quanto à crítica do racismo, mas que os provoque a pensar que ciência, conhecimento, trabalho e tecnologia devem ser âmbitos de atuação humanística e que os saberes das diversas engenharias podem ser aplicados para além de suas finalidades técnicas. ■

Referências

- AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. São Paulo: Sueli Carneiro/Pólen, 2019.
- BRASIL. Parecer CNE/CP 003/2004 – Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. MEC: Brasília, 2004a.
- BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm>. Acesso em: 11 mar. 2021.
- _____. Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. MEC: Brasília, 2004b.
- _____. Parecer CNE/CEB Nº: i. 2/2007. Parecer quanto à abrangência das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. MEC: Brasília, 2007.
- _____. Projeto pedagógico do curso de Bacharelado em Engenharia de Produção. IFG: Senador Canedo, 2018.
- LECHNER, N. Os novos perfis da política: um esboço. Lua Nova, nº 62, p. 5 – 20, 2004. Disponível em: <www.ifibe.edu.br/arq/201405272046051714275508.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2017.

SILVA, G.; ARAÚJO, M. Da interdição escolas às ações educacionais de sucesso: escolas dos movimentos negros e escolas profissionais, técnicas e tecnológicas. In: ROMÃO, J. (org.). História da educação do negro e outras histórias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 65 – 78.

SILVA, R. C.; VALENTIM, S. S. Afrodescendentes e a Engenharia no Brasil: um paradigma de 150 anos. Congresso Nacional de Educação, 5. Anais... Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/46238>>. Acesso em: 11 mar. 2021.

Notas:

1 Embora haja intenção de também incluir outras etnias nesta proposta, é complexo discutir empregabilidade de pessoas indígenas pois “emprego” é uma noção branca, ocidental, de trabalho baseada na ideia de lucro e exploração. Ela não se adequa à maioria dos paradigmas de vida indígenas. Mesmo assim, tivemos um momento sobre epistemicídio no módulo 3 num bate-papo com uma representante indígena da comunidade Tapuia de Goiás. Foi muito rico.

2 Foi o caso das referências sobre feminismo interseccional negro e história da população negra na educação profissional e tecnológica.